

**ESTUDOS
ARQUEOLÓGICOS
DE OEIRAS**

Volume 6 • 1996

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
1996

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 6 · 1996

ISSN: 0872-6086

COORDENADOR E

RESPONSÁVEL CIENTÍFICO - João Luís Cardoso

CAPA - João Luís Cardoso

FOTOGRAFIA - Autores assinalados

DESENHO - Bernardo Ferreira, salvo os casos
devidamente assinalados

PRODUÇÃO - Luís Macedo e Sousa

CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho
de Oeiras - Câmara Municipal de Oeiras
2780 OEIRAS

Aceita-se permuta

On prie l'échange

Exchange wanted

Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso

MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Palma Artes Gráficas, Lda. - Mira de Aire

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

O MOSAICO ROMANO DE OEIRAS. ESTUDO ICONOGRÁFICO, INTEGRAÇÃO FUNCIONAL E CRONOLOGIA

Mário Varela Gomes⁽¹⁾, João Luís Cardoso⁽²⁾ & Maria da Conceição André⁽³⁾

1 – ANTECEDENTES

No dia vinte e seis de Janeiro de 1903, era publicada no jornal “O Século” a seguinte notícia:

“Preciosidade archeologica

Oeiras, 25.—C. N’um desaterro da propriedade do Sr. José Joaquim Petrolim, foi encontrado um pavimento de mosaico de desenhos muito regulares em que predominam as cores preta, branca, magenta, amarella e azul. Parece ter pertencido a qualquer mesquita arabe e ser bastante ampla, pois que se prolonga por baixo dos alicerces do predio e ao longo do quintal, sendo de notar que o mesmo quintal entesta com a propriedade do nosso amigo Sr. Esteves Mendes, onde ha tempos appareceram as ossadas a que referi.

Bom será que alguns entendidos visitem o local do achado, para bem se poder avaliar que antes do burgo fundado pelo grande marquez de Pombal, já aqui existiu uma grande povoação pertencente a outras raças.”

Esta notícia despertou o interesse de José Leite de Vasconcellos, que no mês de Novembro de 1901 tinha procedido à exploração de quatro sepulturas na propriedade de Esteves Mendes, referida na notícia (CARDOSO & CARREIRA, 1996). Verificando-se “*in loco*” o interesse da descoberta, nova notícia é publicada, a 5/2/1903 no mesmo jornal matutino, a qual se transcreve na íntegra:

“O achado archeologico

Oeiras, 4.—C. Em seguida á nossa primeira notícia, veiu aqui o Sr. dr. Leite de Vasconcellos, acompanhado do Sr. Carvalhaes, preparador do Museu Ethnologico, que tirou photographias dos quadros descobertos; Mandou-se depois proceder a nova escavação para o norte, vendo-se que apenas se prolongava 1m,5 para aquelle lado. O mosaico é, como dissêmos, polychromo e de origem luso-romana, com diferentes quadros de phantasia, sendo o principal o que consta d’um circulo dividido em quadrantes por uma cruz, estando em cada um dos ditos quadrantes embutido um passaro que poisa d’um ramo.

⁽¹⁾ Da Academia Portuguesa da História.

⁽²⁾ Professor da Universidade Nova de Lisboa. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras. Da Academia Portuguesa da História, da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.

⁽³⁾ Técnica Superior do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras.

Estão hoje aqui o sr. Carvalhaes e Guilherme Gameiro, desenhador, tirando “croquis” dos diferentes quadros.

Segundo nos consta, o dono do predio tenciona conservar esta preciosidade archeologica a descoberto até ulterior resolução. Espera-se novamente a vinda aqui do sr. dr. Leite de Vasconcellos para dar por findos os trabalhos de exploração.

A concorrência de visitantes tem sido numerosa para vêr esta maravilha d'arte.”

Com efeito, o significado real da descoberta justificou não só a deslocação de dois técnicos do então Museu Etnológico Português, acompanhados do seu Director, que se encarregaram do levantamento gráfico do mosaico – limitado apenas ao seu medalhão central – e fotográfico (Figs. 3 e 4). Foi ainda dirigido por Leite de Vasconcellos officio à Comissão Executiva do Conselho dos Monumentos Nacionais, em 7/2/1903, cuja cópia manuscrita se conserva no Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia (officio nº. 229). Crêmos que a sua transcrição integral se justifica, por confirmar a importância que aquele pioneiro da Arqueologia portuguesa atribuía ao achado (Fig. 5):

*“Presidente da Comm.ão Executiva
do Cons. dos Mon. Nac.*

Na villa de Oeiras, R. da Alcaçova, no quintal da casa de José Joaquim Petrolim appareceu um mosaico romano que, tanto pelo seu merito artistico, – embora o mosaico esteja em parte deteriorado – como por constituir valioso testemunho da historia dos arredores da nossa capital, que com relação á epocha de que se trata é ainda pouco conhecida, entendo que deve ser conservado: por isso, chamo a attenção de V. E. para o occorrido, e peço que, com a possivel brevidade, se digne tomar as providencias que julgar adequadas para que o referido monumento se salve da destruição imminente a que está sujeito, e o Estado o conserve in loco ou o adquira para qualquer Museu.

Por mim direi a V. E. que, por falta de espaço para convenientemente o collocar, não procuro comprá-lo para o Museu a meu cargo; mas caso o extraiam poderá elle ser, por exemplo, obtido para o Museu das Bellas Artes, ou para um dos varios museus municipaes do reino. O que importa é salvá-lo, para que não tenhamos de lamentar mais um desfalque na archeologia nacional

Lisboa 7. II. 903.”

Como tal officio não tivesse resposta e, entretanto, por ao Museu ter sido cedida a ala sul dos Jerónimos, ultrapassando-se a questão da aludida falta de espaço, procurou Leite de Vasconcellos negociá-lo directamente com o proprietário. Tendo acordado com ele a venda por 240#000 e prevendo que os custos com a sua remoção para o Museu ascenderiam a cerca de 300#000, solicitou e obteve, para o ano económico de 1902-1903, a concessão de 540#000 por parte do Governo, estabelecida por Portaria de 30 de Abril de 1903. Porém, o pagamento de tal montante jamais chegou a ser satisfeito, como Leite de Vasconcellos (1916, p. 144) declara. Perdida a esperança de aquisição pelo Governo, aquele arqueólogo oferece ao proprietário a quantia de 60#000, que retiraria do orçamento do Museu de que era director, conforme consta de carta de 25/7/1904, que o próprio mais tarde transcreve (VASCONCELLOS, 1916, 145), a qual vem no seguimento de correspondência trocada com o dono do mosaico. Com efeito, no Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia conserva-se um postal deste último, datado de 10 de Junho de 1906 para Leite de Vasconcellos, do seguinte teor (inérito):

“Tenho a participar a V. E. que os intereçados falaram com o Sr. Dr. Pinto Coêlho e resolveu-se manter o preço que tinha dicto ao outro Sr. Dr. que cá esteve. Pedia a V. E. que se pudesse me desse a resposta da sua resolução o mais breve possível. Sem mais, sou de V. E. att. Vn O.

João Pitrolim”

A esta missiva seguiu-se outra; trata-se de carta, não datada, igualmente conservada naquele arquivo e inédita, da qual se conclui estar o proprietário já informado da impossibilidade de se manter o preço anteriormente acordado de 240#000:

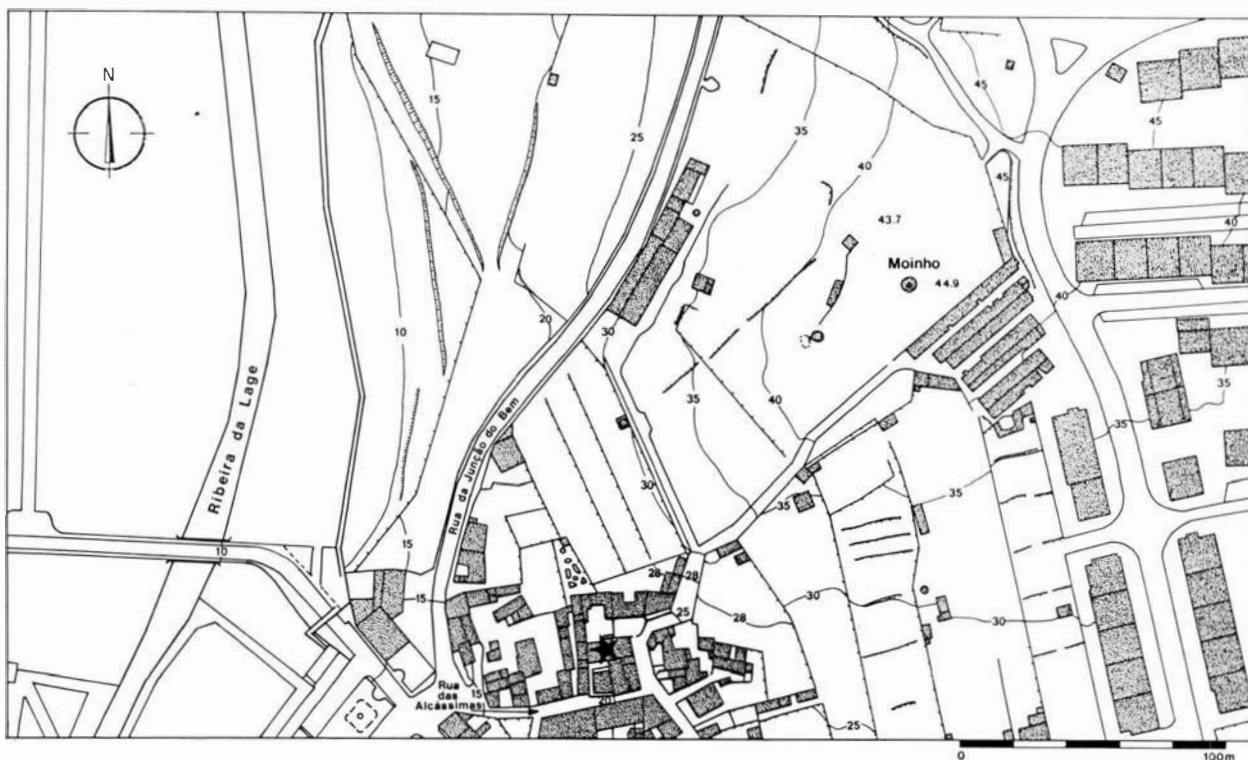


Fig. 1 – Localização do mosaico (assinalada com uma estrela); a Norte, desenvolvia-se a *pars rustica* da *villa*, ulteriormente ocupada por necrópole tardo-romana.



Fig. 2 – Localização do mosaico (círculo) na malha urbana do centro histórico da vila de Oeiras.

“Ill^o Exmo Sr. Dr.

Recebi a carta de V. Ex^a mas como não tenho estado em Oeiras só agora vou dar a resposta. Sinto muito que depois de se têr tratado um negocio com o Ex^o Sr. Dr. Francisco Pinto Coêlho venha V. Ex^a agora desfazelo. Pois tenho a dizer a V. Ex^a que em vista da sua carta nos achamos completamente desligados d'este negocio ficando nos o direito de o vendermos a quem o entendermos

Somos de V. E...., etc, Pelos Herdeiros João Pitrolim”

Um apontamento manuscrito aposto por Leite de Vasconcellos informa:

“O negocio não ficou tratado definitivamente. Ficou dependente de ulterior resolução, que foi a que indiquei. Offereci 60.000”.

Se Leite de Vasconcellos não conseguiu comprar o mosaico pela importância referida, também os proprietários, felizmente, não o lograram vender. O mosaico manteve-se *in situ* até à actualidade.

Em 1916 Leite de Vasconcellos redige um pequeno artigo onde descreve o mosaico, ilustrando-o com o desenho de um sector do mesmo, realizado em 1903 por Guilherme Gameiro (Fig. 4), e relata o processo burocrático que envolveu a tentativa da sua compra para o então Museu Etnológico.

Aquele arqueólogo (VASCONCELLOS, 1916, p.142) refere encontrar-se o mosaico em uma casa da “Rua da Alcáçova (vulgo da Alcácima)”. Ora, de facto, o topónimo antigo deve ser Alcácema que MACHADO (1958, p. 126, 127) faz remontar ao árabe *al-qasimā*, designando “a que divide, que reparte”. O mesmo autor menciona um topónimo próximo de Oeiras, a Alcácema, conhecida como a porção de mar entre a costa e o ilhote do Bugio, na barra do Tejo. Também é registado um Casal das Alcácimas, no concelho de Alcobaça.

Decorridas quatro décadas, Branca de Gonta Colaço e Maria Archer, num pequeno livro intitulado “*Memórias da Linha de Cascais*”, aludem ao mosaico de Oeiras nos seguintes termos: “Na casa que o Sr. João Vicente possui em Oeiras, no número 38 duma rua de nome mourisco, a das Alcássimas, descobriu-se recentemente um pavimento de mosaicos romanos” (COLAÇO & ARCHER, 1943, p. 169).

Em 23 de Novembro de 1959, o escultor Álvaro de Brée, na qualidade de delegado da Junta Nacional da Educação para o concelho de Oeiras, propõe a classificação do mosaico e sua ulterior aquisição pela Câmara Municipal de Oeiras. O processo teve seguimento, tendo sido nomeado relator o Prof. Joaquim Fontes. Este arqueólogo, em relatório de 9 de Dezembro de 1959 informa que o mosaico servia então de chão de galinheiro; porém, relativamente à proposta de Álvaro de Brée, é da seguinte opinião:

“Não pode esta sub-secção ter qualquer interferência na solução apresentada por Álvaro de Brée. Poderá perguntar, quando muito, à Câmara de Oeiras se está ou não interessada na aquisição dessa casa. Se a resposta for negativa, a 2^a. Sub-Secção da 6^a. Secção da Junta Nacional de Educação emite o parecer da recolha desse mosaico no Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos, solicitando a verba indispensável para tal fim, se isso fôr necessário...”.

Dando seguimento a tal parecer, homologado por despacho ministerial, a Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes, em 22 de Janeiro de 1960 solicitou à Câmara Municipal de Oeiras informação sobre o interesse que detinha a aquisição do imóvel, insistindo-se a 14 de Março e a 8 de Julho do mesmo ano, por falta de resposta por parte da Câmara. Esta, em carta datada de 28 de Julho, informa que embora houvesse interesse na aquisição do imóvel, tal não seria possível por falta de disponibilidade financeira. Deste modo, a Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes, baseada no parecer de Joaquim Fontes, oficia, em 11 de Agosto de 1960, o Director do Museu Etnológico no sentido de este promover a recolha do mosaico em causa. Em 23 de Outubro do ano seguinte, volta a ser o Director daquela instituição questionado por ofício da Direcção-Geral referida, sobre a situação do mosaico. A resposta de Manuel Heleno, datada de 28 de Outubro de 1961, é do seguinte teor:

“Em resposta ao ofício de V^a Ex^a (...), tenho a honra de informar que por falta de espaço e de verba para o levantamento, não foi possível instalar ainda neste Museu o Mosaico de Oeiras.

Não se podendo fazer o assentamento do mesmo, logo após o seu arranque, parece-nos preferível, para evitar a sua deterioração, conserva-lo no seu lugar.”



Fig. 3 – Fotografia do mosaico de Oeiras, aquando da sua descoberta, em 1903, Foto de J. de Almeida Carvalhaes (negativo do Museu Nacional de Arqueologia).

Parece verificar-se, assim, que não deveria haver qualquer pagamento ao proprietário do imóvel, não se tendo efectuado a remoção do mosaico, em 1960, apenas por falta de espaço disponível no museu dirigido por Manuel Heleno. Contudo, embora a decisão deste fosse correcta, o mosaico continuava a degradar-se. Em 1977 um de nós (J.L.C.) participou na sua limpeza, removendo entulhos que se acumulavam na cave do prédio onde se encontra. Era, então, notória a rápida desagregação da argamassa; as tesselas soltavam-se facilmente, devido sobretudo às infiltrações de água provenientes da canalização do primeiro andar do imóvel. Tal situação não se alterou na década de 1980. A deterioração prosseguiu, como se verifica pela comparação do estado, em 1903, da zona central do mosaico – a única então desenhada – com a situação actual.

Finalmente, em 25 de Julho de 1991, a Câmara Municipal de Oeiras adquiriu o imóvel que cobre o mosaico. Estavam, pois, reunidas as condições para se proceder ao desenho e estudo integral do que ainda restava daquele pavimento, tarefa que jamais se havia realizado. O evidente interesse iconográfico e artístico da obra justificavam plenamente tal acção, a qual, por outro lado, se inscreve no programa de recuperação geral e valorização do imóvel, em curso de concretização pela Câmara Municipal de Oeiras.

2 – TRABALHOS REALIZADOS

Conforme apontamento manuscrito, inédito, de J. Leite de Vasconcellos, o mosaico apareceu em 22 de Janeiro de 1903 à profundidade de 1.40 m, quando se procedia ao abaixamento do terreno da fundação do prédio urbano correspondendo aos números 32 a 38 da rua das Alcáçimas, situada no actual centro histórico da vila de Oeiras.

Uma fotografia, então obtida, ilustra bem tal situação (Fig. 3). Verificou-se, ainda, que o mosaico se prolongava sob os alicerces da referida construção, embora uma escritura de compra da casa, datada de 1744, o não refira, como indica Leite de Vasconcellos no apontamento mencionado.

Os trabalhos então efectuados, limitaram-se a desobstruir o mosaico dos entulhos que o cobriam até o limite do possível, o que, todavia, foi suficiente para o expor em boa parte da sua extensão original; para o efeito, procedeu-se à demolição parcial de uma das paredes da construção, visível na Fig. 2. Contudo, a limitada área posta a descoberto da sua zona central explica, a razão que levou Guilherme Gameiro a apresentar apenas o já referido desenho de um dos quadrantes que a integram (VASCONCELLOS, 1916, Fig. 1).

Não há registo da entrada de materiais no Museu Nacional de Arqueologia recolhidos no decurso de tal desaterramento. Apenas no terreno contíguo, situado a norte, e onde se identificou um cemitério de inumação tardo-romano e alto medieval (CARDOSO & CARREIRA, 1996) se recolheram materiais que deverão estar relacionados com a *villa* representada pelo mosaico, os quais serão adiante estudados.

Apesar de este mosaico ser, até ao presente, apenas conhecido pela quarta parte do seu motivo central, não ultrapassando 1/10 da área actualmente conservada, foi, no decurso deste século, múltiplas vezes mencionado em trabalhos científicos (ALARCÃO, 1988, p. 123; CHAVES, 1936; FERREIRA & FERREIRA, 1962, p. 224-225; BORGES, 1986, p. 91-106, Figs. 37-55, Ests. XIX-XX) além do texto que noticiou a sua existência (VASCONCELLOS, 1916, p. 142-145). Na “*Carta Arqueológica do Concelho de Oeiras*” (CARDOSO & CARDOSO, 1993, p. 81, 82) corresponde-lhe o número de inventário 62, com as seguintes coordenadas (Fig. 1): Q 974 024 (Carta Militar de Portugal, folha 430 - Oeiras, na escala de 1/25.000, Serviços Cartográficos do Exército, Lisboa, 1970).

Os trabalhos de campo tendo em vista o estudo do mosaico iniciaram-se em Agosto de 1991, logo após a aquisição do imóvel pela Câmara Municipal de Oeiras, tendo sido realizados por M.C.A., sob orientação de J.L.C. Após o desenho, tessela a tessela, à escala natural, sobre folhas de plástico polivinilo transparente, foi todo o conjunto reduzido para a escala de 1/20 e colorido, após o que foi novamente reduzido, à escala a que é representado nas figuras, tarefa que esteve a cargo de M.C.A. e de Bernardo Ferreira, desenhador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras. A reconstituição gráfica das partes em falta, esteve a cargo da técnica de desenho arqueológico Cristina Gaspar, sob direcção de M.V.G. O texto do presente artigo é da autoria dos dois primeiros signatários, desenvolvendo considerações anteriores (CARDOSO *et al.*, 1996).



Fig. 4 – Desenho de Guilherme Gameiro do sector central do mosaico de Oeiras (VASCONCELLOS, 1916, Est. I).

3 – ESPÓLIO

Deram entrada no Museu Nacional de Arqueologia materiais romanos recolhidos em terreno contíguo, a norte do local de implantação do mosaico. Correspondendo este à antiga *pars urbana* da *villa*, é crível que aqueles provenham da área ocupada pela *villa rustica* (Fig. 6 e 7). Com efeito, embora ali se tenha desenvolvido, ocupando parte da encosta, necrópole de inumação tardo-romana e alto-medieval, tanto a cronologia de tais materiais como, sobretudo, o seu carácter doméstico, somado à ausência de espólios funerários nos sepulcros escavados em 1901 por José Leite de Vasconcellos, sugere uma estreita relação de tal conjunto de peças com a *villa* e não com a estação funerária, cronologicamente ulterior (CARDOSO & CARREIRA, 1996). Em apontamento manuscrito, inédito, de J. Leite de Vasconcellos, referem-se vários materiais que importa valorizar, no quadro deste trabalho:

“Cemiterio de Oeiras

Appareceu nos entulhos de um poço da mesma propriedade: uma figura de bronze.

Pelo campo: um rebolo comprido, de mó; 3 pesos de barro (pondera) (o autor fez o esboço de um deles). 1 peso de pedra natural, como os da Serra de Pragança, 1 conta canellada verde, potes quebrados, asas como de amphoras (mas não fundos)”.

Todos os materiais mencionados foram localizados nas reservas do Museu Nacional de Arqueologia por J.L.C. e M.V.G., passando-se a fazer a sua descrição:

1 – A “*figura de bronze*” foi mencionada por MATOS (1966, p. 244, 245), “*figurinha de criança de Oeiras*”, com o número de inventário do Museu Nacional de Arqueologia 17885. Mede 0.065 m de altura e representa uma criança nua, segurando, com ambas mãos e junto ao peito, um objecto, talvez uma pomba com as asas abertas. O cabelo é longo, caindo sobre as costas e na face reconhecem-se os olhos, o nariz e a boca, embora toscamente representados, pelo que deve tratar-se de trabalho provincial, talvez de carácter votivo, como também a considerou o autor citado (Fig. 6).

2 – Três pesos de tear, conjunto a que se reuniu, em época ulterior à daquele escrito, um quarto exemplar, com os seguintes números de inventário: 16103; 16125; 16125A; 16125B. Conquanto sejam peças cuja cronologia é impossível de definir com precisão, a sua abundância no conjunto recolhido poderá reflectir a existência de uma zona industrial, no seio da *villa rustica*, dedicada à tecelagem. Representa-se um deles, com marca esgrafitada no topo (Fig. 7).

3 – Fragmento de conta canelada, ou galonada, de cor verde (Fig. 7). Produzida com pasta vítrea opaca, muito porosa e frágil, de cor verde-pálida. Tem o número de inventário 16131; segundo etiqueta manuscrita a lápis, “*estava junto com chapa de 1/2 bronze romano*”. Este numisma, que não é mencionado no manuscrito de Leite de Vasconcellos, não se localizou no conjunto dos seus homólogos da colecção do Museu Nacional de Arqueologia. A tipologia e a pasta desta conta mantiveram-se desde a Idade do Ferro até época tardo-romana, sendo conhecidos paralelos entre os povos germânicos do século VI. Um dos seus principais centros de produção situava-se no Egipto, mas foram sendo reproduzidas ulteriormente na Europa. Nas Ilhas Britânicas e Irlanda, as mais antigas integravam contextos das épocas Flávia e Antonina (GUIDO, 1978, p. 92, 100). Nestas circunstâncias, é difícil estabelecer uma cronologia para este exemplar, até porque também ocorrem no local materiais do final da Idade do Ferro, estudados noutra lugar (CARDOSO, 1996).

4 – Sob a designação de “*potes quebrados*” e “*asas como de amphoras*”, do citado manuscrito, incluem-se materiais da Idade do Ferro, supra mencionados, medievais e romanos. Nestes últimos, avultam duas peças (os autores agradecem a Carlos Fabião as úteis indicações fornecidas):

– Opérculo (n.º de inv. 16129), fabricado com pasta homogénea e compacta, de cor bege clara, amarelada (2.5Y 8/4)⁽¹⁾, contendo elementos não plásticos, heterogéneos, de grão fino e bem calibrados. Mede 0.080 m de diâmetro. A ser de ânfora, corresponderia a uma forma tardia, do século III ou posterior, compatível com as formas Almagro 51a, b ou c (Fig. 7).

⁽¹⁾ Os índices cromáticos referem-se às *Munsell Soil Color Charts* (1975) e, como tal, devem entender-se como aproximados.

– Fragmento de asa de ânfora (n.º de inv, 16126c), decorada com largo e regular sulco longitudinal, digitado, conferindo-lhe secção côncava/convexa. Pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, heterogéneos, de grão fino. O núcleo é de cor rosada (10R 6/6) e as superfícies oferecem cor bege amarelada (5 Y 8/4). Produção provavelmente do Guadalquivir, da forma Haltern 70, de meados do século I a.C. a meados – finais do século I d.C. (Fig. 7).

O escasso conjunto atribuível ao Período Romano e susceptível de se relacionar com a ocupação doméstica da zona sugere, pois, ocupação bastante recuada, com origem e, eventualmente, em continuidade com pequeno núcleo agrícola do final da Idade do Ferro.

Com efeito, e como já anteriormente havíamos assinalado (CARDOSO, 1995, p. 94), a economia do Período Romano, na área oirense, é caracterizada pela existência de diversas *villae*, essencialmente voltadas para o aproveitamento cerealífero dos terrenos, tal como na região se verificava desde o Bronze Final. Porém, parece que os solos de maior aptidão agrícola – correspondentes às manchas basálticas – teriam sido sub-aproveitados. Tal facto encontra-se sublinhado pela própria distribuição das estações, especialmente ao longo dos vales entalhados em afloramentos calcários ou margo-calcários do Cretácico inferior.

Talvez os Romanos se sentissem ainda pouco à vontade no decurso dos finais do século I a.C. ou inícios do I d.C. – época a que parecem remontar as principais *villae* da região – para trabalhar os difíceis solos basálticos, não obstante as suas potencialmente elevadas produtividades cerealíferas. A *villa urbana* de Oeiras, com a correspondente parte *rustica* e, possivelmente, zona *fructuaria* adjacente, corresponde a uma dessas situações. A sua implantação privilegiada, sobre a fértil várzea da ribeira de Oeiras, que domina da sua encosta esquerda, suave e com excelente exposição solar, a menos de 1 Km da sua confluência com o estuário do Tejo, justifica largamente a preferência que os Romanos lhe concederam e corresponde às características regionais dominantes da implantação das *villae*, melhor evidenciadas no vizinho concelho de Cascais.

4 – O MOSAICO

4.1. - Forma, dimensões e situação

Apesar de há muito mencionado na bibliografia arqueológica portuguesa, o denominado mosaico de Oeiras não foi objecto de qualquer estudo aprofundado. Em grande parte visível, *in situ*, aquele importante pavimento era apenas conhecido pelo pormenor que dele desenhou, em 1903, Guilherme Gameiro (VASCONCELLOS, 1916), correspondendo a um quadrante da sua decoração central.

O levantamento total dos fragmentos subsistentes do mosaico, separados por tabique moderno e apresentando grandes zonas desaparecidas, permitiu que se reconhecessem não só a verdadeira dimensão como a totalidade da sua decoração (Figs. 8 e 9).

De facto, descobriu-se nos lados nascente, sul e poente, restos da moldura que o limitava, cujo motivo decorativo é constituído por trança de dois cabos policromos e por faixa branca ou com triângulos dentados, como acontece no lado nascente, que fazia a ligação com as paredes.

A trança envolvia, ainda, um grande tapete central, de planta quadrangular, conforme se observa nos lados nascente, poente e norte.

Não é, pois, difícil, a partir dos vestígios indicados, reconstituir as dimensões originais deste mosaico e, portanto, da sala respectiva. Apenas no lado norte, onde desapareceu uma faixa a toda a largura e a moldura com trança de dois cabos, teremos de supor que aquela zona seria simétrica à do lado sul, conforme sugere o motivo central antes mencionado. Assim sendo, o mosaico mediria 7.11 m de comprimento, ou seja vinte e quatro pés romanos, por 4.74 m de largura (dezasseis pés romanos), correspondendo à relação 3 x 2. O tapete central, com cerca de 2.37 m x 2.37 m, visto que não é perfeitamente quadrado, corresponde à relação 1 x 1, ou seja, medindo oito pés de lado⁽¹⁾. (Fig. 9).

⁽¹⁾ O pé romano media 0.2963 m e era subdividido em dezasseis dedos, tendo cada um destes 0.0185 m.



Fig. 6 – Escultura romana de bronze de Oeiras, oriunda da área da *villa*, recolhida por J. Leite de Vasconcellos (Museu Nacional de Arqueologia). Foto de J. L. Cardoso.

O mosaico pavimentaria um grande compartimento, possivelmente o *triclinium* da *pars urbana* de abastada *villa*, de que os restantes testemunhos deverão fazer sob as construções que actualmente o rodeiam.

Vitrúvio (DALMAS, 1986, p. 156) recomenda que as salas de jantar devem ser, pelo menos, duas vezes mais compridas do que largas, o que acontece no presente caso. Conforme aquele autor descreveu (DALMAS, 1986, p. 177, 178), os mosaicos deveriam assentar sobre quatro camadas que repousavam sobre a terra batida e nivelada. A primeira seria constituída por calhaus (*statumen*), a segunda por espessa argamassa de pedra e cal, bem compactada e com nunca menos de 3/4 de pé de espessura (*rudus*), a terceira por camada de formigão, com telhas e tijolos triturados, ligados com cal e que não devia de ter menos de seis dedos de altura (*nucleus*) e, por fim, o cimento de cal e areia onde se fixavam as *tesselae* (Fig. 11).

Uma das zonas melhor preservadas do mosaico é a que se situa no lado nordeste, onde se conservava cerca de 2.50 m da parede original do compartimento romano, embora se desconheça a sua continuidade para sul (Fig. 10). Também o mesmo desaparece naquele local sob a construção atribuível ao século XVIII.

A parede que no lado sul delimita o mosaico, embora de construção moderna, pode sobrepor-se ou, até, reutilizar como alicerce a parede romana que ali existia. No exterior do edifício observa-se um pátio cuja largura se aproxima da do mosaico e que bem poderá corresponder a um *atrium*, com *compluvium*, em redor do qual se abriam *alae* e *cubicula*. Do *atrium* ter-se-ia acesso, através de porta, ao *triclinium* que constituiria um dos espaços mais importantes da *villa* (Fig. 12).

No lado poente do mosaico, observa-se situação semelhante, ali havendo uma parede que pode assentar em pré-existência romana, embora o espaço que lhe é exterior corresponda a estreito acesso entre o pátio antes mencionado e um outro, a cota mais alta, situado a norte. É nesta zona que o mosaico se encontra mais danificado e alterado. Tal ficou a dever-se à edificação de muro de sustentação de terras da encosta situada do lado norte do mosaico.

Um muro semelhante, foi levantado aquando da construção da *villa* de Abicada (Portimão), na ria de Alvor. É pois previsível que por detrás da estrutura de suporte que também sustenta o piso superior da casa ali existente, se encontre, a pouco mais de meio metro daquela direcção, a parede romana que delimitava o lado norte da sala respectiva.

Aqueles testemunhos permitem pensar em casa com plano axial, a que se tinha acesso através da actual rua das Alcáçimas, com entrada, vestíbulo e pátio central, rodeado por *cubicula* e *triclinium* ao centro.

Futuros trabalhos arqueológicos, que pretendemos levar a cabo, conduzirão a um melhor conhecimento não só deste mosaico, mas da *villa* onde se integrava e que, conforme observámos, sugere ter deixado algumas marcas no ordenamento do espaço edificado ulteriormente.

4.2. – Decoração

A ornamentação musiva reflecte, como não poderia deixar de ser, aspectos económicos, sociais, funcionais e técnicos.

O mosaico de Oeiras permitiu determinar a forma e as dimensões da sala respectiva, assim como as relações dimensionais da mesma, podendo nele reconhecer-se três unidades iconográficas a que alguns autores chamam tapetes, embora pertencentes a um mesmo programa e contexto: uma central, outra formada pelos lados nascente, sul e poente e a última, pelo lado norte, correspondendo à cabeceira da sala.

Aquela disposição do reportório iconográfico não terá apenas resultado de aspectos meramente ornamentais, mas da função particular inerente a cada uma das zonas decorativas, no interior de um único espaço.

O mosaico em apreço pode ser classificado no tipo denominado por *opus musivum* e não *opus vermiculatum*, contrariando a atribuição de VASCONCELLOS (1916, p. 142), dado que mostra linhas constituídas por *tesselae* serpenteando toda a superfície e não apenas no interior das figuras.

Trata-se de pavimento policromo, tendo-se utilizado *tesselae* com dimensões variáveis (101 a 170 por dm²) no motivo central, sob fundo branco, sobretudo de cor negra, a par de outras cinzentas, amarelas, cor-de-rosa e vermelhas, por vezes de tons algo distintos.

O tapete central apresenta *tesselae* de pequenas dimensões, tendo-se contado 146 por dm² em uma das pombas, enquanto outra, a que debica uma flor, possui 171 *tesselae* por dm². O entrançado cruzado perpendicularmente ao centro daquela área tem apenas 104 *tesselae* por dm².

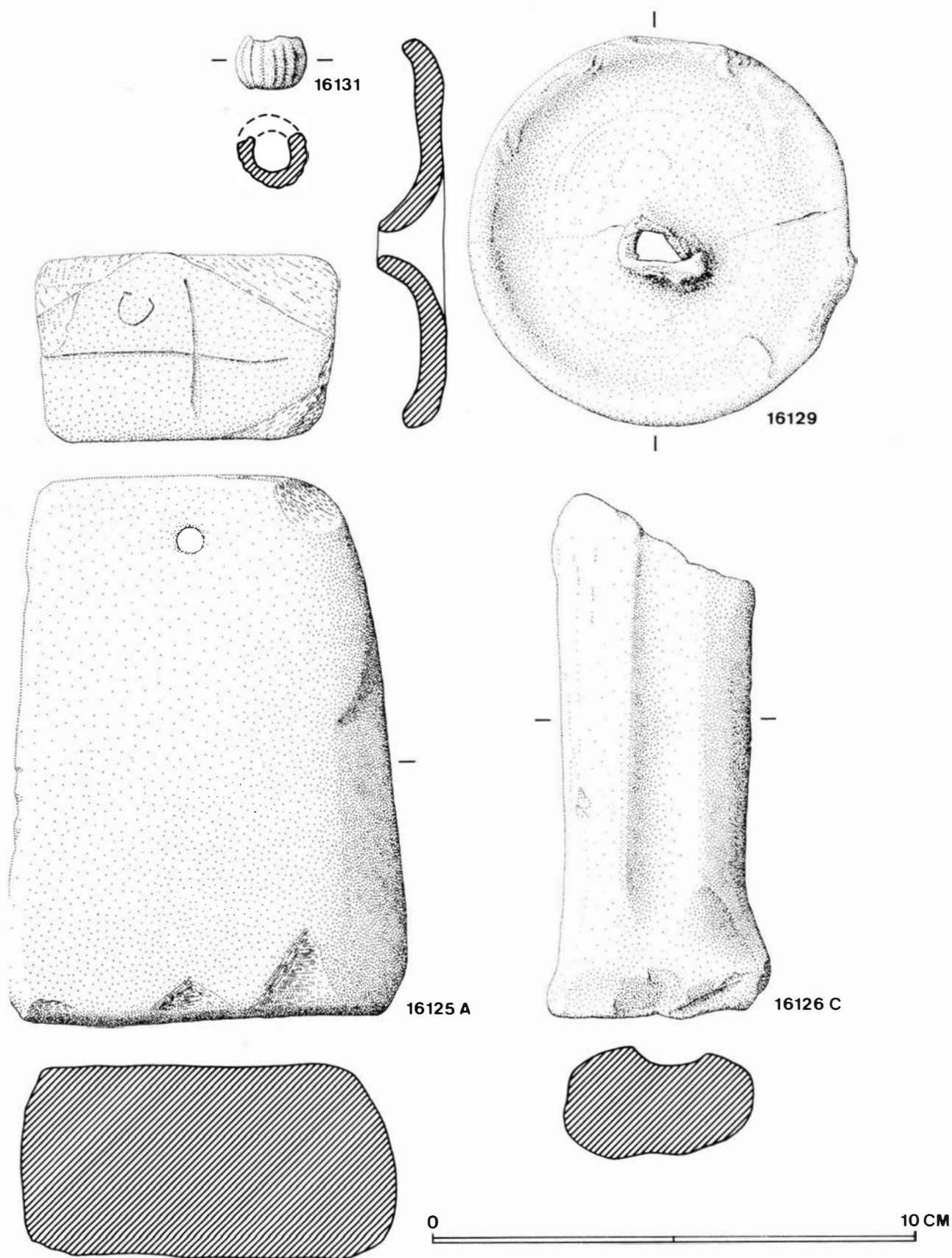


Fig. 7 – Espólio de época romana recolhido nos terrenos contíguos ao mosaico de Oeiras. Museu Nacional de Arqueologia (desenho de Cristina Gaspar).

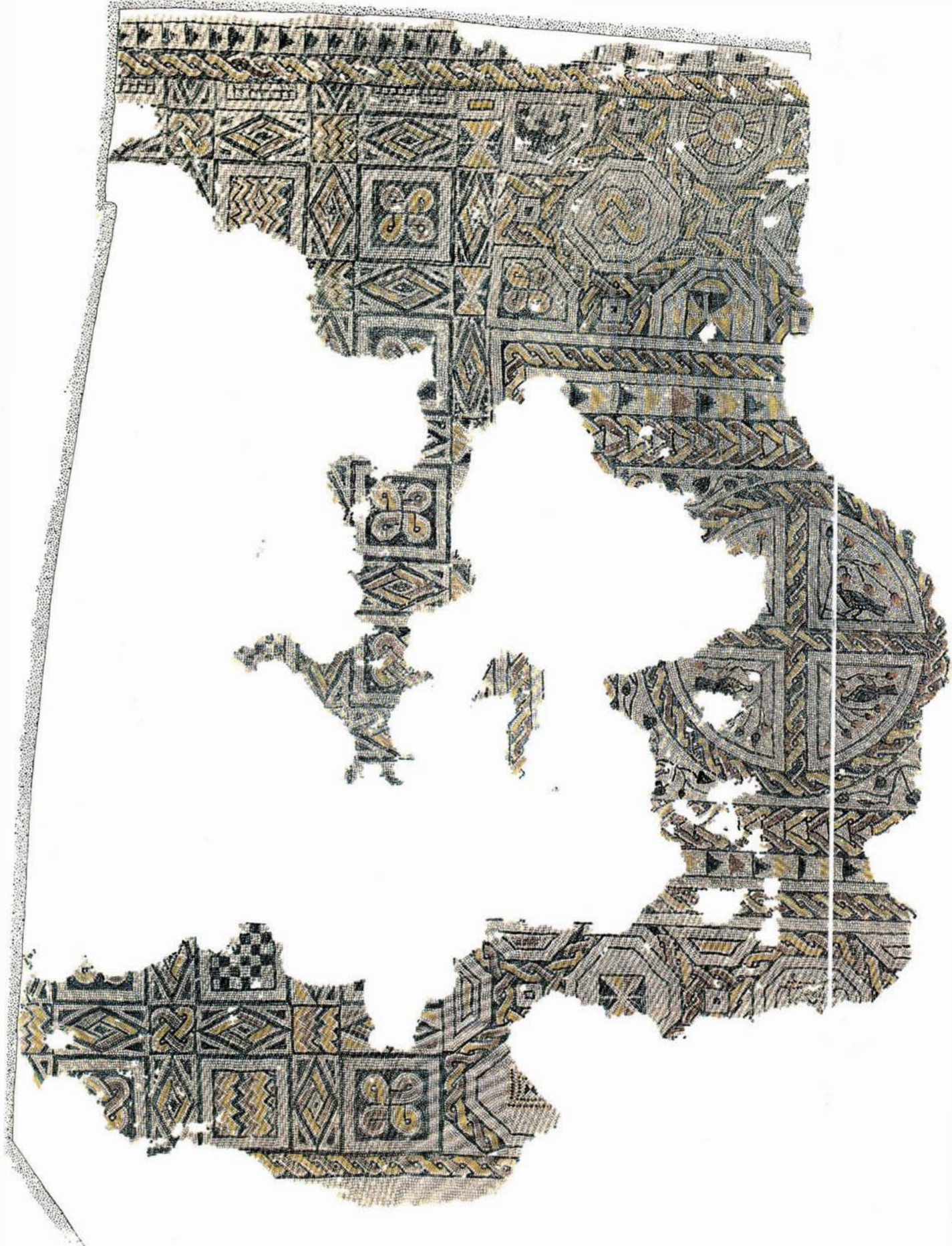


Fig. 8 – Levantamento gráfico do mosaico romano de Oeiras (desenho de C. André).

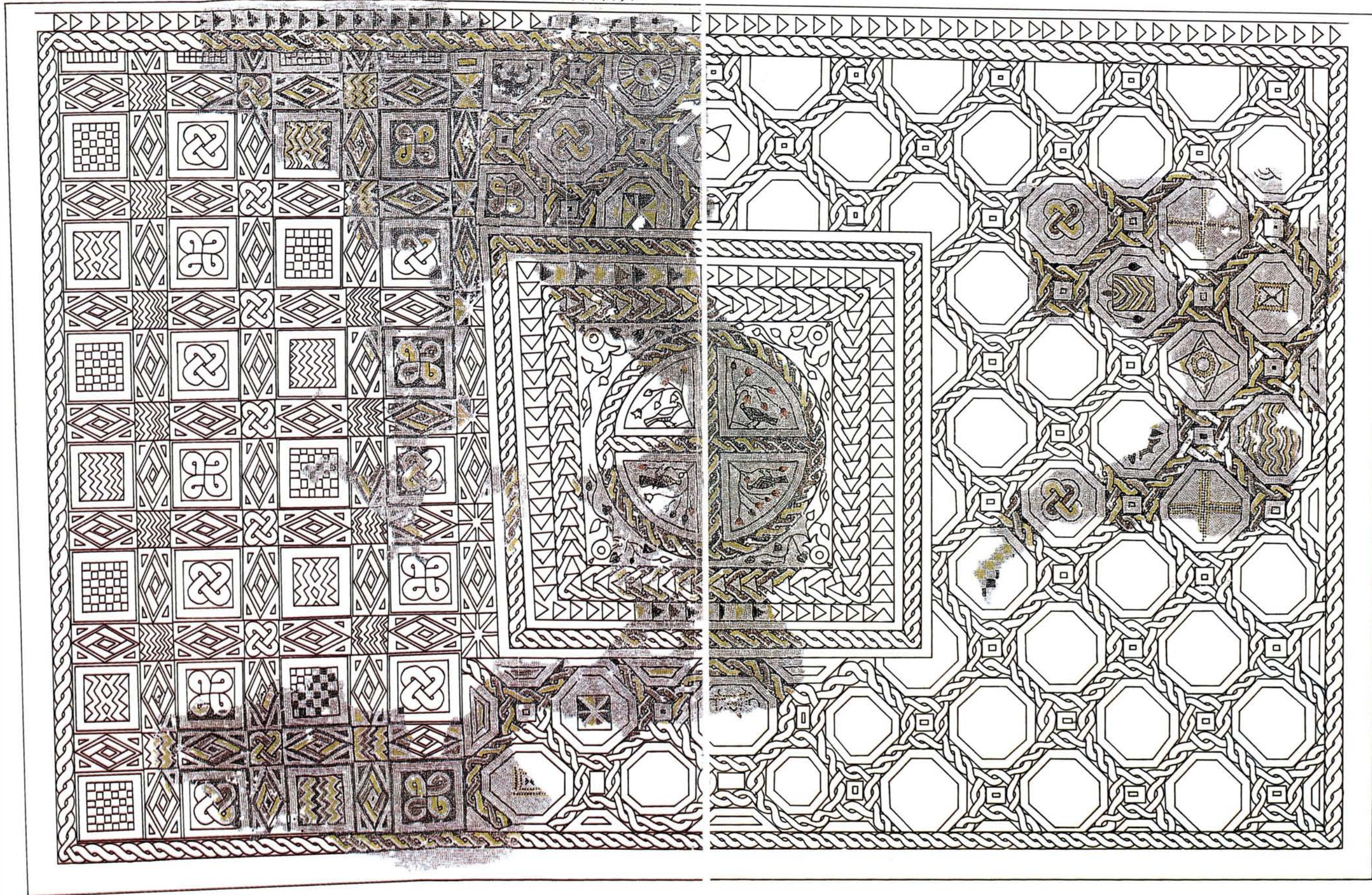


Fig. 9 – Mosaico romano de Oeiras. Reconstituição gráfica.

Os entrançados que delimitam o mosaico mostraram 109 e 122 *tesselae* por dm^2 , enquanto que um motivo circular raiado e um outro losangular, ambos inscritos em octógonos, do lado nascente do pavimento tinham, respectivamente, 104 e 101 *tesselae* por dm^2 . No lado oposto, contaram-se 112 e 108 *tesselae* por dm^2 , num quadrado preenchido com linhas onduladas e em um outro com um “nó de Salomão”.

A grande maioria das *tesselae* foram talhadas em calcário, e apenas entre as de cor vermelha ou alaranjada se detectaram elementos cerâmicos. Estes totalizaram trinta e três entre noventa e nove *tesselae* vermelhas encontradas soltas, possuindo dimensões menores que as de calcário, obtidas sobretudo nas formações jurássicas da região, e, talvez, também nas cretácicas.

O centro da sala foi perfeitamente demarcado e valorizado, a partir do tapete central, quadrangular, cujos lados correspondem, como vimos, a $\frac{1}{3}$ do comprimento total do compartimento.

A noção de centro foi acentuada pela inclusão de um motivo circular delimitado por trança com dois cabos entrelaçados com 0.09 m de largura, a que se ligam dois diâmetros perpendiculares, cruzados no interior, com aquela mesma decoração e igual dimensão (Fig. 13).

Cada um dos quadrantes assim definidos contém uma representação de ave, possivelmente uma pomba, pousada num ramo e debicando flores vermelhas que coroam as extremidades de caules. As aves encontram-se todas voltadas para o centro do mosaico, de onde também parte o caule principal que depois se sub-divide em ramos. O fundo de cada um destes quadrantes é de cor branca e uma linha de cor negra, paralela aos seus lados, estabelece uma espécie de cartela, onde se inscrevem as ramagens e as aves, naquela mesma cor, exceptuando as flores, a maioria das quais de cor vermelha viva. Apenas uma das aves mostra a cabeça voltada para trás, enquanto as restantes a têm dirigida para a frente, um pouco inclinada para baixo, apresentando-se o desenho das remiges sublinhado por finas linhas de *tesselae* de cor negra. Apenas uma das pombas tem as patas de cor vermelha, sendo as restantes de cor negra (Figs. 14 e 15).

As flores mostram-se fechadas, bolbiformes, ou abertas, por vezes reconhecendo-se três pétalas.

O grande círculo central encontra-se inscrito num quadrado, com fundo de cor branca, exibindo nas superfícies triangulares, correspondentes aos cantos, cântaros ou cálices de acanto, policromos, de onde saem, para cada um dos lados, ramos ondulantes de heras, que se desenvolvem de diferentes maneiras e terminam em folhas, desenhadas com *tesselae* de cor negra. Infelizmente não se conserva nenhum de tais elementos completos, reconhecendo-se, apenas, parte de um deles que o desenho de Guilherme Gameiro mostra ainda completo (Fig. 4) e se situava no quadrante noroeste do tapete central. Trata-se talvez, de recipientes campanulados, sem asas, assentes em pé triangular.

Em redor da área descrita, observam-se três teorias decorativas em fita, dispostas em molduras sucessivas, cujos cantos desapareceram mas que o desenho de Guilherme Gameiro ainda regista, sendo a primeira constituída por quatro cabos entrelaçados policromos, com 0.20 m de largura, a segunda mostrando linha contínua de triângulos, dentados, tangentes pela base-vértice, alternando nas cores negra, vermelha e amarela, medindo 0.11 m de largura, a que se segue um filete, liso, de cor branca, com 0.05 m de largura e depois uma trança com dois cabos, também policroma, idêntica à que define o círculo central, os quadrantes e o limite do mosaico e com 0.09 m de largura. Fechando o tapete central, observa-se outro filete de cor branca com 0.05 m de largura.

A segunda unidade iconográfica é constituída pelo revestimento em forma de U, que se desenvolve desde o topo superior do lado nascente do tapete central, abrange todo o terço do lado sul do mosaico e ultrapassa um pouco o topo do lado poente do elemento central.

A decoração, policroma, mostra grandes octógonos, por vezes não muito regulares, medindo cerca de 0.50 m de diâmetro, sempre com fundo de cor branca e pequeno filete interior, de cor negra, definindo uma moldura com 0.05 m de largura. Nos interiores encontram-se motivos policromos, contornados a negro, muito variados, sendo mais recorrentes os “nós de Salomão”, dispostos obliquamente, observando-se diâmetros cruzados na perpendicular, estrelas de quatro pontas, construídas a partir de dois losangos, com um círculo central, rosáceas, motivos rectangulares, alguns com diagonais interiores, um outro contendo linhas curvas e do qual saem dois caules de hera terminados em folhas, círculos com raios interiores, quadrados sub-divididos pelas diagonais e medianas, existindo, ainda, um hexágono totalmente preenchido por linhas onduladas e outro por axadrezado. Os meios octógonos e os quartos de octógono que ocupam cantos e zonas de menores dimensões entre os octógonos maiores, nomeadamente junto dos limites do mosaico, exibem decorações semelhantes, num deles reconhecendo-se, ainda, um motivo peltiforme de cor negra (Figs 16 a 23).

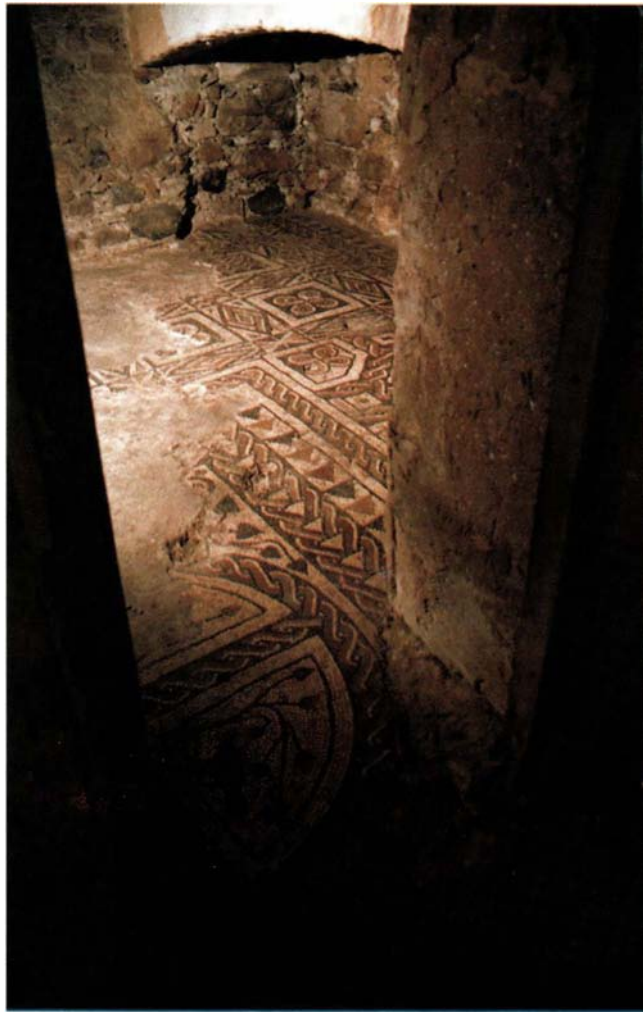


Fig. 10 – Mosaico de Oeiras. Vista do sector nordeste, com porção da parede original, ao fundo, do lado direito. Foto de B. Ferreira.



Fig. 11 – Mosaico de Oeiras. Aspecto do *nucleus* e da argamassa onde assentam as tesselas. Foto de B. Ferreira.

Entre os octógonos, e as porções das figuras referidas, corre uma moldura, formada por trança de dois cabos, policroma, com 0.09 m de largura, semelhante às molduras que rematam tanto as principais áreas decorativas do mosaico, como o seu contorno.

Nos cruzamentos das tranças que envolvem os octógonos, observam-se pequenos quadrados com fundo de cor branca, contornados por linha negra e com pequeno quadrado central na mesma cor.

Por fim, a terceira unidade decorativa considerada abrange toda a faixa correspondente ao terço norte do mosaico, ou seja ao topo da sala, mostrando, também, gramática decorativa diferente das restantes. Note-se, aliás, que este sector foi o último a ser revestido dado que apresenta certas desconexões na ligação com os restantes, designadamente com o que tratámos em segundo lugar. Neste tapete alternam faixas largas, com quadrados e rectângulos, com outras, mais estreitas, com os mesmos tipos de elementos, inscritos ou não em cartelas (Fig. 8).

Observa-se uma linha estreita com aqueles elementos, que regulariza o traçado do espaço, partindo da extremidade poente da segunda unidade considerada, adossada ao tapete central. Segue-se uma faixa de elementos largos que terá começado a ser construída do lado poente para nascente, onde alguns se encontram truncados, não tendo cabido no espaço disponível.

Reconheceram-se restos de sete faixas, alternando as largas com as estreitas, as primeiras com 0.37 m de largura e as segundas com metade daquela dimensão. Todos aqueles motivos têm fundo branco e foram limitados com *tesselae* de cor negra. No seu interior encontram-se algumas decorações policromas, semelhantes às reconhecidas nos octógonos da segunda unidade, como os “nós de Salomão”, dispostos na horizontal ou na oblíqua, teorias de zigues-zagues e ondulados, losangos e quadrados, subdivididos pelas diagonais e medianas, ou motivos em xadrez, de cor negra.

A partir do estudo dimensional deste mosaico e da correspondente sala, admite-se que se perdeu no topo norte uma faixa, incluída a moldura do seu limite com trança de dois cabos e a faixa de ligação à parede, medindo pouco mais de 0.50 m de largura.

Podemos concluir que os motivos decorativos do mosaico de Oeiras se repartem por trinta formas, que por vezes se repetem, tendo-se registado três tipos de molduras, duas delas com entrançados e a outra com triângulos dentados. Reconheceram-se nove tipos de elementos quadrangulares, quatro de pequenas dimensões, e dois elementos rectangulares, de diferentes dimensões. O catálogo das formas detectadas inclui também octógonos com nove tipos diferentes de decoração no interior, dois meios octógonos e dois quartos de octógonos, tendo-se identificado, ainda, um motivo trapezoidal, outro em quadrante de círculo e, por fim, um destinado a preencher os cantos deixados livres pela inscrição do medalhão central, circular, em um quadrado (Fig. 24).

4.3. – Paralelos

A organização em três tapetes observa-se em outros mosaicos, como o da sala 10 de El Hinojal (Mérida), onde a unidade central oferece uma cena de caça ao javali, por certo evocando Adónis, datado do século IV (FREIJEIRO, 1978, p. 52, Fig. 12).

Para além do exemplo indicado, muitos outros mosaicos, pavimentando salas rectangulares, oferecem composição tripartida, em tapetes, um deles ao centro, outro num dos topos e o terceiro envolvendo três dos lados do central.

Como já lembrou CHAVES (1938, p. 63) para a *villa* de Santa Vitória do Ameixial (Estremoz), o tapete central, em forma de quadrado, inserido em compartimentos de planta rectangular, é comum na época dos Antoninos.

Dada a grande diversidade das temáticas utilizadas e das variantes técnicas da arte musiva romana peninsular ao longo dos séculos, raramente se detectam dois mosaicos idênticos, muito embora se repitam alguns padrões e elementos decorativos, mas quase sempre interpretados de diferentes modos, em composições que se adaptam a espaços com dimensões muito díspares e funções particulares.

Não foi, pois, fácil detectar alguns paralelos que nos pudessem ajudar a interpretar, em termos crono-estilísticos e culturais, o mosaico de Oeiras. De facto, não observámos similitudes directas para os tapetes do topo e central, tanto entre as largas dezenas de exemplares que constituem o *Corpus de Mosaicos Romanos de España*, como em outras obras compulsadas.

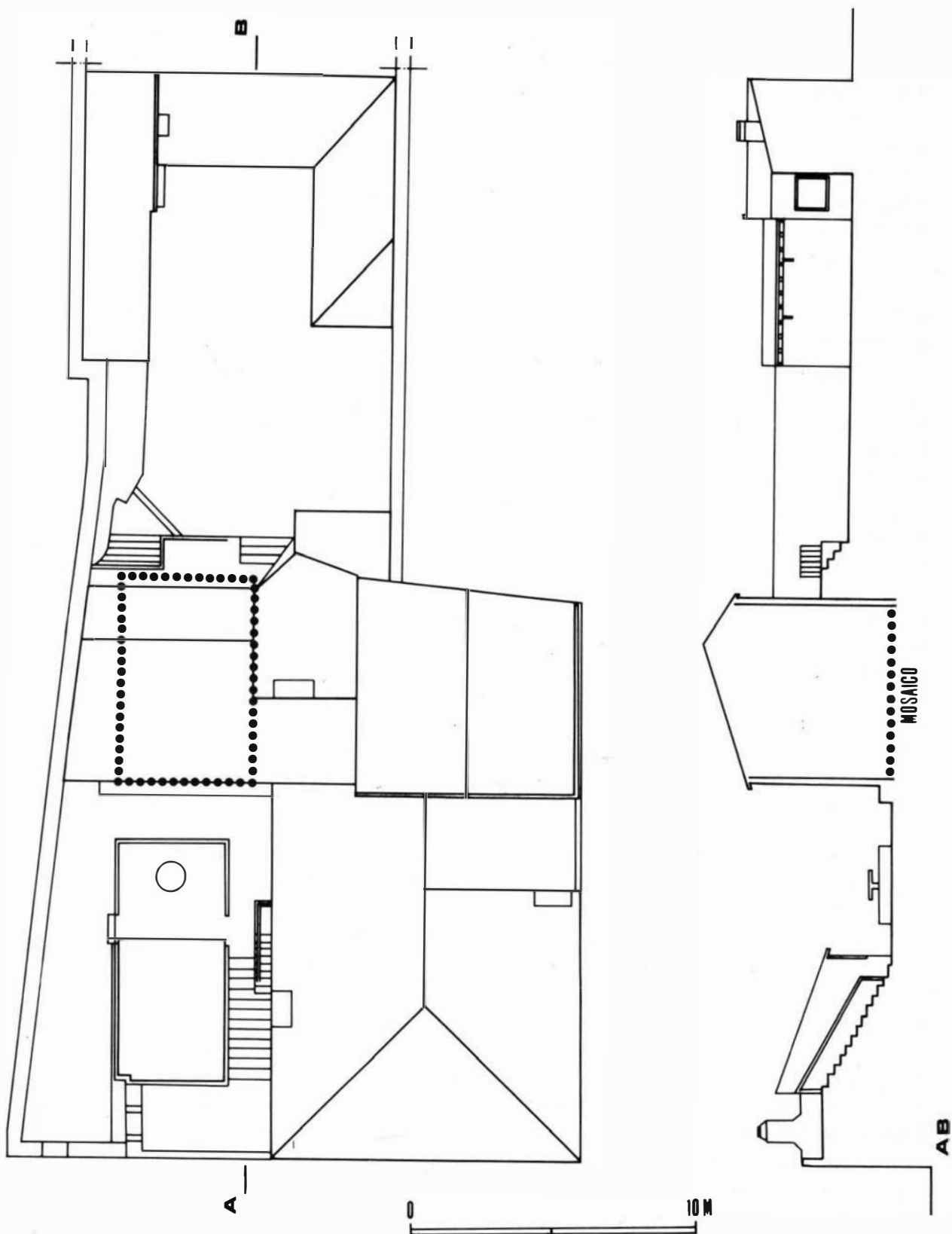


Fig. 12 – Mosaico de Oeiras. Sua implantação no conjunto das construções que actualmente o cobrem (planta da C.M.O., gentilmente cedida pelo Gabinete de Projectos Especiais / Sector dos Centros Históricos).

No entanto, já o grande tapete, em forma de U, composto por octógonos e hexágonos oblongos, emoldurados por trança com dois cabos, decoração muito comum, encontra paralelo num mosaico rectangular, da habitação N (“*mosaico de caçada*”) de Campo de Villavidel em Leão, onde se observam idênticas intercepções, delimitando pequenos quadrados com ponto central, tal como acontece no mosaico em apreço (Fig. 25). No interior dos octógonos vê-se a mesma moldura com fundo branco, formada por linha de cor negra, e, no interior, temas como o “nó de Salomão”, os quadrados axadrezados, peltas, e, ainda, elementos zoomórficos, tema que não observamos no pavimento de Oeiras. Aquela *villa* atingiu o século IV (BLÁZQUEZ *et al.*, 1993, p. 21-23, Ests. 4-6). Também o “compartimento do Sileno”, da denominada “Casa dos Repuxos” de Conímbriga, mostra dois tapetes com octógonos e pequenos quadrados; num deles, em alguns daqueles primeiros elementos observam-se “nós de Salomão”. Os mosaicos desta *domus* têm vindo a ser atribuídos ao último quartel do século II ou ao primeiro quartel da centúria seguinte. OLEIRO (1992, p. 95, 103, Ests. 34, 36) comparou, efectivamente, esta temática com a encontrada no mosaico de Oeiras.

Não são abundantes, na Península Ibérica, as decorações musivas contendo representações de aves, sendo mais recorrentes os restantes motivos iconográficos reconhecidas no mosaico em estudo.

Um mosaico da rua Santiago Crespo, em Astorga (Leão), datado nos finais do século III, mostra decoração de cor negra, sobre fundo branco, com cráteras de onde saem caules de videira, desenvolvendo-se com folhas e cachos de uvas que alguns pássaros, pousados sobre ramos, debicam (BLÁZQUEZ *et al.*, 1993, p. 18-20, Ests. 22, 23) (Fig. 26). Note-se que durante o século II se preferiram mosaicos com composições de cor negra, sendo as figurações recortadas em silhueta, sobre fundo branco, gosto que se desvaneceu na primeira metade do século III, momento a partir do qual muito se valorizaram as decorações policromas.

Outro mosaico, composto por diversos painéis ricamente policromados que pavimentavam grande sala (hab. XXXIII) de uma *villa* junto de complexo termal em Balazote (Albacete), oferece um medalhão contendo uma ave debicando flores vermelhas (Fig. 27). A cronologia desta estação arqueológica pode ser centrada nos séculos II e III, ali tendo sido, no entanto, descoberta *sigillata* sud-gálica, do atelier de Crestio II ou de Crucuro, dos reinados de Vespasiano ou Domiciano (BLÁZQUEZ *et al.*, 1989, p. 38, 67, Est. 27).

Na região de Lérida, em El Romeral, foi descoberto um mosaico com aves e ramagens, algumas terminando em folhas de hera, integrado em *villa* fundada no século II, mas que se manteve até ao século V (BLÁZQUEZ *et al.*, 1989, p. 17, Est. 22) (Fig. 28).

Na Lusitânia, a “Casa do Anfiteatro” de Mérida, datada do século III, mostra um painel policromo com cena de vindima e pisa das uvas, em cujos cantos se observam crateras, com aves afrontadas, pousadas sobre as asas daqueles recipientes, de onde saem caules (Fig. 30). Este painel está adossado ao de Vénus e Adónis, onde também se observam aves, sobre complexo jogo de caules, terminando em flores (FREIJEIRO, 1978, p. 44, Est. 74).

Na “Casa dos Repuxos”, de Conímbriga, o mosaico da “sala da caçada ao veado”, oferece quatro representações de galinhas de água, rodeadas por elementos vegetalistas (OLEIRO, 1992, p. 105, 109, Est. 38).

Também na “sala E” da *villa* de Santa Vitória do Ameixial, talvez o *triclinium*, se observam duas representações, muito estilizadas de aves, possivelmente pombas, pousadas sobre ramos. O espólio ali exumado permite datar a sua ocupação nos séculos II e III (CHAVES, 1983, p. 20, 79, 85). Enfim, o mosaico da sala 9 da *villa* de Pisões, Beja, cuja ocupação decorreu, pelo menos, do século I ao IV d.C. ostenta motivo constituído por duas aves afrontadas, provavelmente pombas, separadas por caliciforme, suportado por ramos ondulantes, talvez de videira, onde se fixam as aves (Fig. 31). Tal como o mosaico de Oeiras, o de Pisões era constituído por três painéis, embora de diferentes dimensões. O principal situa-se ao centro do compartimento; o mais pequeno, ocupa a zona da entrada. O mosaico, policromo, possui algumas tesselas de vidro azul, verde, dourado e ainda de tijolo; a sua cronologia afigura-se como tardia, no âmbito da ocupação da *villa* (SARDICA, 1971/75).

O tema das pombas na decoração musiva remonta, em Itália, pelo menos, aos inícios do século II, como demonstra o célebre mosaico da *villa hadriana* (117-138), no Tivoli, onde uma daquelas aves bebe de um vaso, tendo a cabeça reflectida na água, enquanto que outras estão pousadas sobre o bordo do mesmo recipiente (GARCIA y BELLIDO, 1979, p. 523, Fig. 915). Mais tardio, do tempo de Marco Aurélio (161-188), é o túmulo de M. Clodius Hermes, na *via Appia*, cujo *loculus* se encontra pintado, entre outros motivos, com uma pomba, rodeada por ramos de videira (GARCIA y BELLIDO, 1979, p. 516, 519, Fig. 903). Todavia, na denominada *villa* de Lúvia, na Prima Porta, em Roma,



Fig. 13 – Mosaico de Oeiras. Medalhão central. Foto de B. Ferreira.



Fig. 14 – Mosaico de Oeiras. Pormenor do quadrante nordeste do medalhão central. Foto de B. Ferreira.

da primeira metade do século I, uma pintura mural mostra pássaros, alguns debicando frutos (BANDINELLI, 1969, p. 125-127).

Figurações de aves, debicando flores ou frutos são, ainda, frequentes em mosaicos tunisinos, alguns associando crateras e evidenciando temática dionisiaca e báquica, que foi, durante o Baixo Império, nos finais do século III e na centúria seguinte, reinterpretada nos pavimentos, em revestimentos tumulares e em outras decorações paleo-cristãs. É um bom exemplo do uso deste reportório iconográfico o mosaico sepulcral de Maria Severa, de Itália, decorado com pombas e motivos fitomórficos com flores vermelhas, atribuído aos finais do século IV (FREIJEIRO, 1978a, p. 47, 48, Est. 56; BLÁZQUEZ *et al.*, 1993, p. 19) (Fig. 29).

A ara funerária de Calpúrnia Hegesístrate, procedente da Herdade da Defesa dos Barros, em Avis (ENCARNAÇÃO, 1984, IRCP 448), mostra na face lateral esquerda, uma pomba sobre os ramos de uma árvore, debicando os seus frutos, que ALMEIDA (1983, p. 345, 346) compara à decoração de ambas faces laterais do monumento funerário de Julia Victorina, hoje no Museu do Louvre mas proveniente do Latrão (Roma) e estudado por CUMONT (1966, p. 243, 244 Est. XXII). Segundo este último autor, as aves figuradas naquele cipo, do século I, debicariam bagas de loureiro, símbolo de Apolo, divindade solar. Nesta estrela habitariam, segundo então se acreditava, as almas dos mortos, cujos espíritos as pombas representariam.

Outro monumento congénere, procedente da Fazenda da Trindade, nos arredores de Tavira (Balsa), mostra na face principal um texto funerário em grego e na face lateral direita uma pomba, enquanto que na oposta se reconhece um cacho de uvas. Esta ara tem vindo a ser atribuída ao século I (MATOS, 1995, p. 90, 91). Também a urna cinerária de Publia Clodia Jovem, de Roma, dos inícios do século III (CIL II, n.º. 32* = CIL VI, n.º. 15748)¹⁾, oferece na superfície frontal, para além de uma cartela com o nome do defunto, um festão rodeado de aves, mais uma vez acentuando o carácter funerário daquelas representações (ALMEIDA, 1983, p. 343, 344).

Os signos dionisiacos ou báquicos, incluindo aves, encontram-se bem expressos no sarcófago de Castanheira do Ribatejo (Vila Franca de Xira), datado no século III, cuja frente ostenta um medalhão com o retrato da menina defunta, assente sobre uma cratera, rodeado por profusa composição de ramos de videira, com parras e cachos de uvas, onde se reconhecem vários animais e cenas de vindima (MATOS, 1995, p. 100, 101).

Outro tema iconográfico, patente no tapete central do mosaico de Oeiras, é o da cratera ou cálice de acanto de onde saem caules de hera. O seu aspecto bolbiforme oferece semelhanças com os florões com volutas laterais terminadas por romãs, do tapete central de mosaico policromo do “Solar de los Blanes”, de que se conserva um fragmento na alcáçova de Mérida (Fig. 32). Este pavimento mostra *tesselae* de cores negra, amarela e vermelha, sobre fundo branco, exibindo uma zona com peltas e tem vindo a ser atribuído ao século III (FREIJEIRO, 1978, p. 27, Est. 2).

O motivo da cratera associado a caules de hera encontra-se patente no mosaico, de cor negra sobre fundo branco, da rua de Sagasta, em Mérida, decorando uma ábside de planta semicircular, datada de finais do século II. Outras quatro crateras, preenchendo os cantos deixados entre a inscrição de um motivo circular em uma moldura quadrangular, conforme acontece no mosaico de Oeiras, podem observar-se na já referida Casa do Anfiteatro, do século III, na mesma cidade e junto a padrão formado por peltas (FREIJEIRO, 1978, p. 32, 42, Ests. 20, 65) (Fig. 33).

Igualmente na “Casa dos Repuxos”, em Conímbriga, observa-se, nos cantos de uma composição circular de carácter geométrico integrada num quadrado, dois cântaros e “dois cálices de acanto, com folha lanceolada ao centro”, a que se associam ramos ondulantes. Esta composição é dada por OLEIRO (1992, p. 50, 57, Est. 13) como “típica dos finais do século II”. Como já se viu, a associação de ramos ondulantes a um vaso bolbiforme observa-se na sala 9 da *villa* de Pisões, Beja (Fig. 31).

Os “nós de Salomão” e as peltas são motivos recorrentes na arte musiva romana, sendo muitos os paralelos isolados que poderíamos indicar para aquele primeiro motivo. Grandes octógonos contendo “nós de Salomão” podem ser vistos, por exemplo nos restos de mosaico de Freiria (Cascais), *villa* com ocupação do século I em diante (CARDOSO & ENCARNAÇÃO, 1991).

¹⁾ Informação de J. d'Encarnação a um de nós (J. L. C.), que se agradece.



Fig. 15 – Mosaico de Oeiras. Pormenor do quadrante sudoeste do medalhão central. Foto de B. Ferreira.



Fig. 16 – Mosaico de Oeiras. Canto noroeste. Foto de B. Ferreira.

Quanto às peltas, para além dos exemplares de Campo de Villavidel e da “Casa do Anfiteatro” de Mérida, antes mencionados, elas surgem no ângulo sudoeste do pátio porticado da “Casa dos Repuxos”, junto ao mosaico de “Perseu e da Medusa” e, ainda, constituindo teorias, desenvolvidas em área, no patamar das escadas das latrinas (mosaico 14) daquela mesma *domus*, cuja cronologia antes se referiu (OLEIRO, 1992, p. 36, 138, Est. 3).

As peltas, recordam os escudos com tal forma usados na Dácia, conforme documenta a denominada “Coluna de Trajano”, erguida no *forum*, de Roma, em 110-113, e aludindo às vitórias daquele imperador no Leste, tema decorativo que ulteriormente se divulgou (MICLEA & FLORESCU, 1980, Fig. 254; CONDURACHI, 1982).

A cratera, tal como as aves debicando bagos de uvas sugerem alusão a Dionísio, cujo culto foi aceite, entre as classes dominantes, durante o reinado de Trajano, alcançando o de Antonino Pio. Aquela divindade ingressa, com Adriano, oficialmente no panteão romano, mandando o mesmo imperador restaurar, em 130, o templo a ele dedicado em Téos.

A temática dionisíaca indica a crença na imortalidade celeste, revelando concepção homérica da morte, dado os defuntos encontrarem uma nova luz no além: daí a iconografia utilizada nos sarcófagos, demonstrando o entusiasmo frente à imortalidade onde aquela divindade seria o garante da renovação.

Também as aves simbolizam os estados espirituais ou superiores do ser, as almas dos defuntos que pousam sobre a árvore do Mundo. As pombas eram consideradas como símbolos do amor divino e da pureza, sendo as aves sagradas de Afrodite.

Por outro lado, as tranças e os nós que o mosaico patenteia são antigos símbolos de vida e de imortalidade, utilizados com função apotropaica, capazes de afastarem os maus olhados. E não será por acaso que o tapete central mostra três símbolos fundamentais: o círculo, o quadrado e a cruz, como que reforçando a ideia de centro, com carácter profilático, mas também indicando noções como a perfeição, o tempo e a mudança ou, ainda, evocando o Universo.

A iconografia patente no medalhão central de mosaico de Oeiras: o vaso, as aves, e os motivos vegetalistas (no caso ramos floridos), foram recorrentes na temática visigótica peninsular, em continuidade com o verificado no Baixo Império. Um dos exemplos mais sugestivos da referida associação é o fuste de coluna conservado no Museu Regional de Beja. Trata-se de peça de mármore branco, com 0.72 m de comprimento e 0.30 m de diâmetro, com decoração em alto-relevo, atribuída por CORREIA (1928, p. 383) ao século V d.C.. Segundo VIANA (1969) provém de Val de Aguiro, tendo feito parte da colecção de D. Frei Manuel do Cenáculo. De um dos lados ostenta um cântaro, com asas, sobreposto por duas aves (pombas?), enquanto do outro se desenvolvem ramos de videira entrelaçados, sobre os quais repousam aves idênticas (Fig. 34). Uma pequena pilastra, igualmente de Beja, de época mais tardia, visigótica, ostenta também pequenas pombas, associadas a uma videira com cachos de uvas (VIANA, 1949, Fig. 15), motivos que, exuberantemente, ocorrem em capitéis da igreja visigótica de San Pedro de la Nave, Zamora (CAZORLA, 1940, p. 363, Fig. 333) (Fig. 36), com paralelo no sarcófago da Sé de Braga (ALMEIDA, 1962, Est. XLVII, Fig. 287), no qual às pombas e cachos de uvas, se associa o cântaro. Enfim, um cântaro figura em placa de mármore, de Estoi, conservada no Museu Nacional de Arqueologia (E 6501), também sobreposto por duas pombas afrontadas, ao que parece debicando bagos de uva nele contidos (ALMEIDA, 1962, Est. XXIV, nº. 178) (Fig. 35).

Podemos, pois, concluir que os motivos figurados no mosaico de Oeiras foram intensamente usados, no período tardo-romano e visigótico, embora com significado simbólico - religioso muito mais acentuado e evidente do que anteriormente, desde o século II d.C.

5 – CONCLUSÕES

O estudo integrado do mosaico de Oeiras, viabilizado pelo seu registo gráfico rigoroso, agora realizado pela primeira vez, não obstante ser imóvel conhecido desde 1903, permitiu as seguintes conclusões gerais:

Trata-se de pavimento que revestia o chão de compartimento nobre de *pars urbana* de importante *villa*, possivelmente o *triclinium*.

A sua iconografia sugere temática dionisíaca, com funções apotropaicas e profiláticas, também ligada à *virtus* do proprietário da *villa*.



Fig. 17 – Mosaico de Oeiras. Vista geral do canto nordeste. Ao fundo, a parede coincide com o limite original do mosaico. Foto de B. Ferreira.



Fig. 18 – Mosaico de Oeiras. Pormenor do canto nordeste. Foto de B. Ferreira.



Fig. 19 – Mosaico de Oeiras. Pormenor do motivo peltiforme existente no canto nordeste. Foto de B. Ferreira.



Fig. 20 – Mosaico de Oeiras. Pormenor de octógono integrando motivo rectangular de onde pendem ramos de herá. Foto de B. Ferreira.



Fig. 21 – Mosaico de Oeiras. Octógono com motivo rectangular. Foto de B. Ferreira.



Fig. 22 – Mosaico de Oeiras. Octógono com “nó de Salomão” inscrito. Foto de B. Ferreira.



Fig. 23 – Mosaico de Oeiras. Meio octógono com motivo rectangular inscrito. Foto de B. Ferreira.

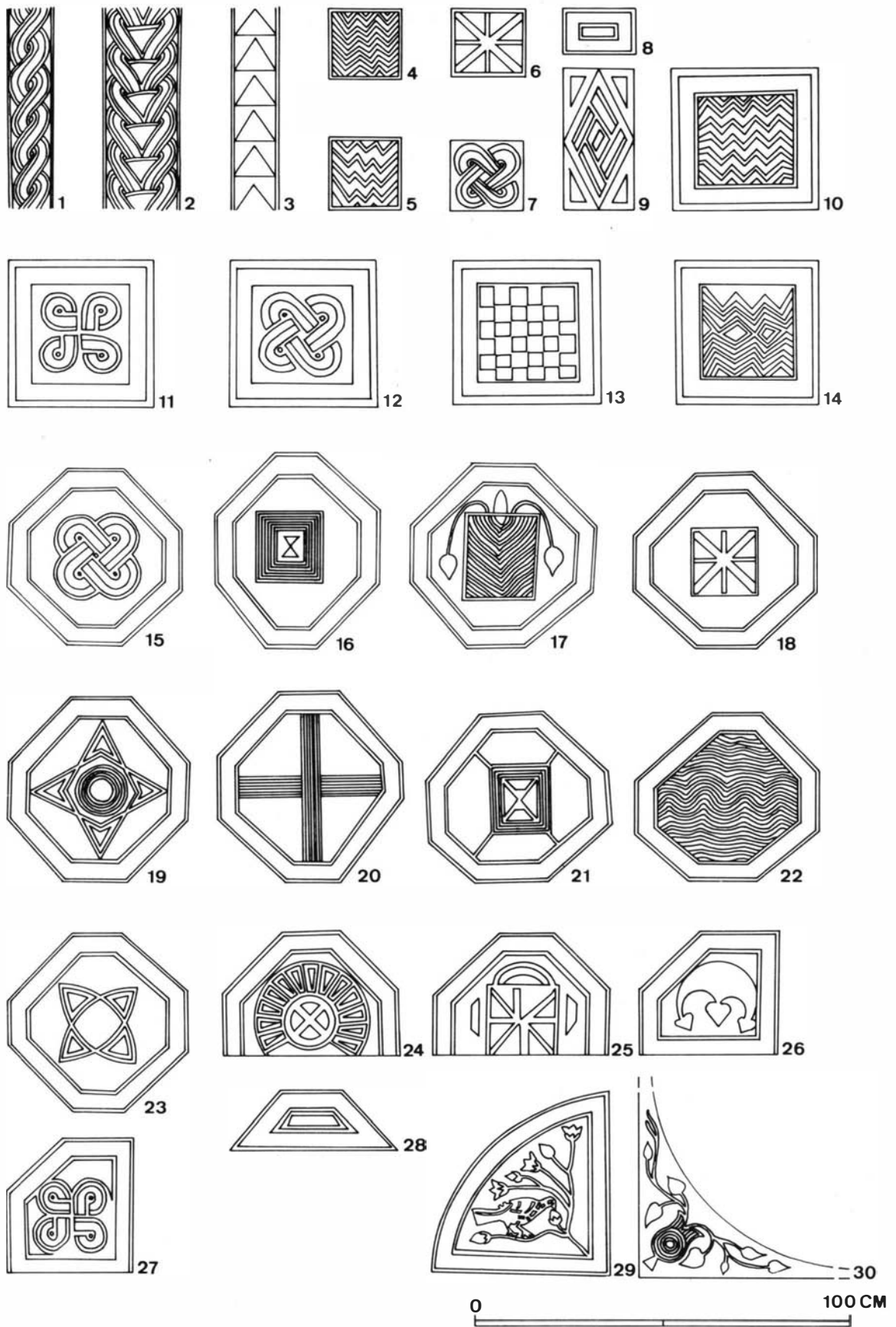


Fig. 24 – Mosaico de Oeiras. Catálogo dos motivos decorativos identificados.

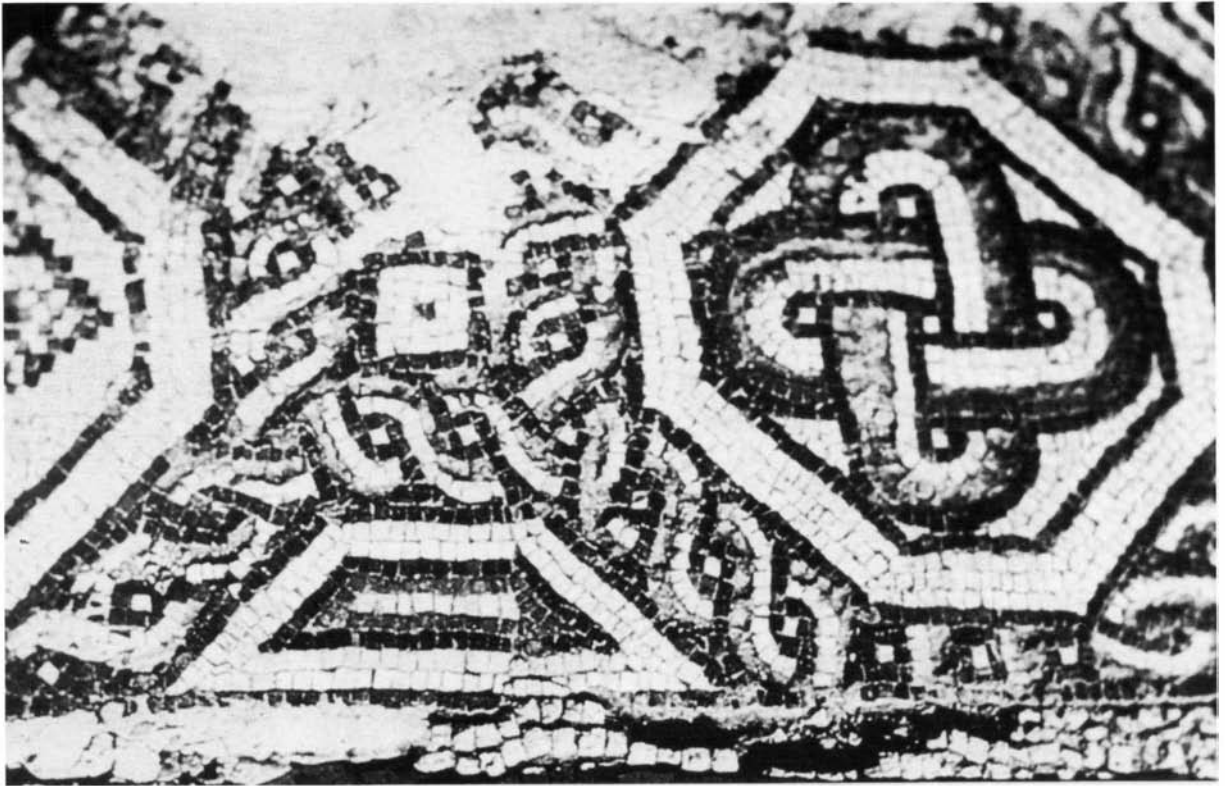


Fig. 25 – Mosaico de Campo de Villavidel, Leão. Pormenor de octógono com “nó de Salomão” e entrançados (BLÁZQUEZ, *et al.*, 1993, Est. 5).



Fig. 26 – Mosaico da rua Santiago Crespo. em Astorga, Leão. Pormenor com aves debicando cachos de uvas (BLÁZQUEZ, *et al.*, 1993, Est. 23).



Fig. 27 – Mosaico da Sala XXXIII de Balazote, Albacete. Pormenor com ave debicando flor (BLÁZQUEZ, *et al.*, 1989, Est. 27).



Fig. 28 – Mosaico de El Romeral, Lérida. Pormenor com aves e motivos fitomórficos (BLÁZQUEZ, *et al.*, 1989, Est. 22).



Fig. 29 – Mosaico sepulcral de Maria Severa, Itálica (FREIJEIRO, 1978, Est. 74).



Fig. 30 – Mosaico da “Casa do Anfiteatro”, Mérida. Pormenor com aves e cachos de uvas (FREIJEIRO, 1978, Est. 74).



Fig. 31 – Pormenor do mosaico da Sala 9 da *villa* de Pisões, Beja, com duas aves afrontadas, apoiadas em ramagens (talvez de videira), diante de vaso bolbiforme (SARDICA, 1972/75, Fig. 4).



Fig. 32 – Pormenor de mosaico do "Solar de Los Blanes", Mérida, com cálice de acanto e entrançados (FREIJEIRO, 1978, Est. 2).



Fig. 33 – Mosaico da “Casa do Anfiteatro”, Mérida. Pormenor de um dos cantos, com vaso e volutas, entrançados e motivos peltiformes (FREIJEIRO, 1978, Est. 65).



Fig. 34 – Fuste de coluna de Val de Aguieiro, Beja. Planificação dos motivos em alto-relevo (ALMEIDA, 1962, Est. X, nº. 106). Período tardo-romano.

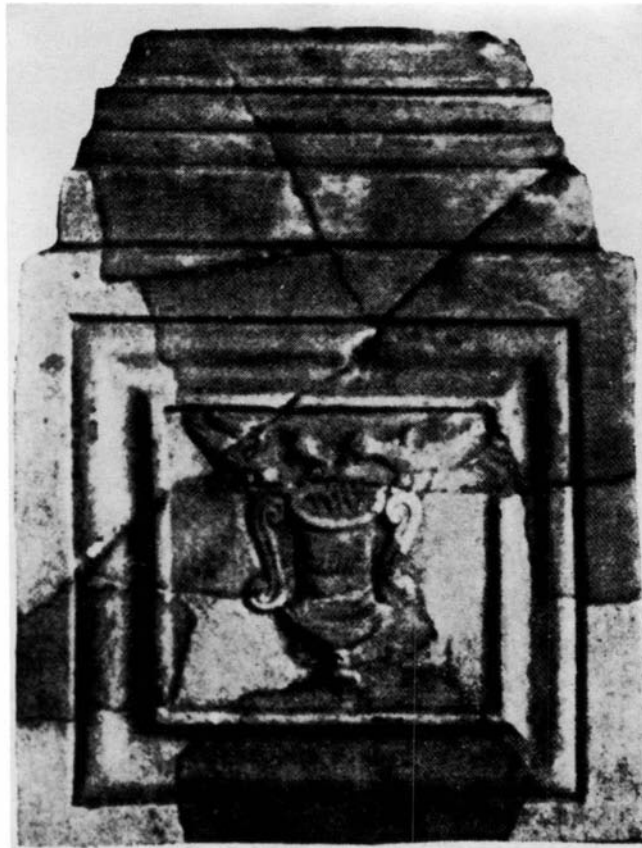


Fig. 35 – Placa de mármore de Estoi, Algarve. Vaso encimado por duas aves afrontadas, ao que parece debicando o conteúdo do recipiente (ALMEIDA, 1962, Est. XXIV, nº. 178).

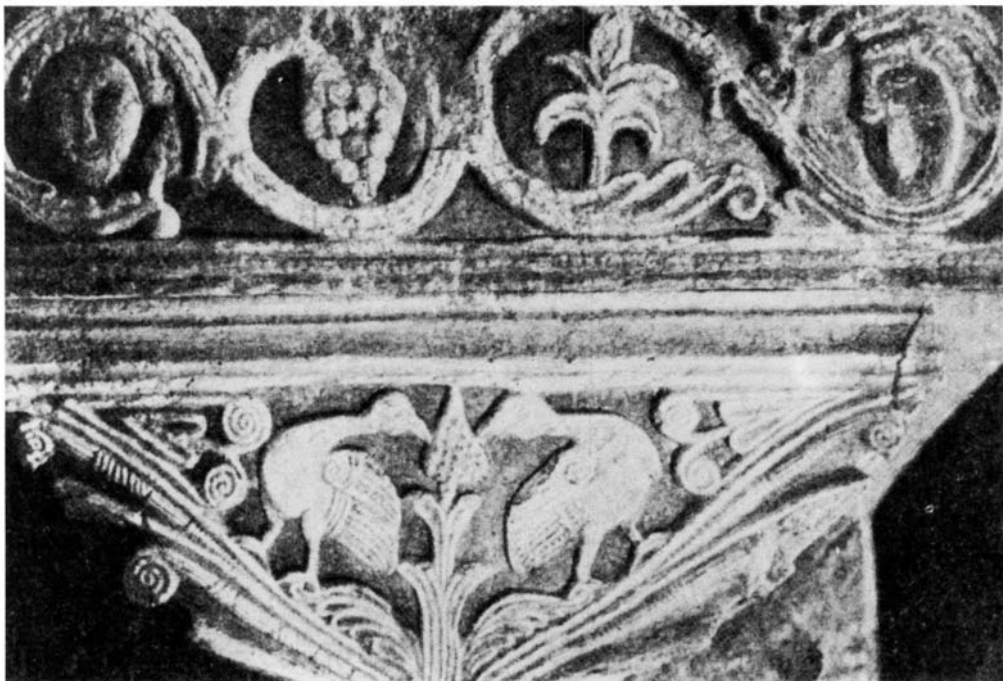


Fig. 36 – Capitel da igreja visigótica de San Pedro de la Nave, Zamora. Aves debicando flor (CAZORLA, 1940, Fig. 333).

Os paralelos iconográficos e técnicos a que recorremos permitem datar a obra nos finais do século II ou inícios da centúria seguinte, na transição da época dos Antoninos para a dos Severos, conforme acontece com a maioria dos mosaicos da “Casa dos Repuxos”, de Conímbriga, cujos paralelos valorizámos.

Os materiais arqueológicos exumados na zona indicam natureza doméstica e industrial, no caso dos pesos de tear, tratando-se, por certo, de *villa com pars urbana e pars rustica*, cujos vestígios se encontram na encosta a norte do local da implantação do mosaico.

A localização desta *villa*, em encosta suave e de boa exposição solar, de solos calcários, perto do estuário e dominando fértil várzea são características típicas das ocupações romanas da região.

Apesar do avançado estado de deterioração, o mosaico de Oeiras é, talvez, a mais importante obra musiva do distrito de Lisboa e a única conhecida no concelho. Recordemos, a propósito, que no vizinho concelho de Cascais apenas se reconheceram restos de dois mosaicos (Alto do Cidreira e Freiria) e igual número no de Lisboa, no casco urbano antigo da cidade (Casa dos Bicos e Rua dos Correeiros). No concelho de Alenquer somente se detectou restos de um daqueles pavimentos (Bairradinha), enquanto que o concelho mais rico em tais manifestações artísticas é o de Sintra, onde se identificaram, pelo menos, cinco locais com tais testemunhos (Almoçageme, Colares, Eira Pedrinha, Odrinhas e Vila Verde).

AGRADECIMENTOS

A Júlio Roque Carreira, que localizou no Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia alguma da documentação inédita reproduzida, bem como ao Director do mesmo Museu, pelas facilidades concedidas.

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, J. de (1988) - *Roman Portugal*, 2 (2). Aris & Phillips Ltd., p. 89-142. Warminster.

ALMEIDA, F. de (1962) - Arte visigótica em Portugal. *O Arqueólogo Português*, S. II, p. 5-278.

ALMEIDA, J. Mendes de (1983) - A epigrafia na exposição de escultura romana do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. *O Arqueólogo Português*, série IV, vol. 1, p. 337-346.

BANDINELLI, R. B. (1969) - *Rome. Le Centre du Pouvoir*, L'Univers des Formes, 437 p., 451 figs, 3 mapas. Gallimard. Paris.

BLÁZQUEZ, J. M., MONTEAGUDO, G. L., JIMENEZ, M. L. N., & PEDRAZ, M.S., S.N. (1989) - *Mosaicos Romanos de Lerida y Albacete*, *Corpus de Mosaicos de España*, fasc. VIII, 124 p., 19 figs, 44 ests. Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Madrid.

BLÁZQUEZ, J. M., MONTEAGUDO, G. L., MANANES, T., & OCHOA, C. F. F., (1993) - *Mosaicos Romanos de Leon y Asturias*, *Corpus de Mosaicos de España*, fasc. X, 116 p., 19 figs, 35 ests. Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Madrid.

BORGES, M. F. (1986) - *Mosaicos luso-romanos em zona de influência de Olissipo e Collipo*. Dissertação de Mestrado em História da Arte. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 198 p., 38 ests. Lisboa. Não publicada.

- CARDOSO, J. L. (1995) – Para o conhecimento da agricultura no concelho de Oeiras: do Neolítico ao Período Romano. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, vol .5, p. 87-96.
- CARDOSO, J. L., (1996) – O final da Idade do Ferro no Concelho de Oeiras: Um contributo, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 4, p. 361-365.
- CARDOSO, J. L., & CARDOSO, G. (1993) – Carta Arqueológica do Concelho de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 4, 126 p., 38 figs.
- CARDOSO, J. L., & CARREIRA, J. R. (1996) – A necrópole tardo-romana e alto-medieval de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, p. 407-417.
- CARDOSO, G. & ENCARNAÇÃO, J. d' (1991) – Certezas e incertezas no estudo da *villa* romana de Freiria. *Arquivo de Cascais*, 10, p. 15-26, 23 Fot.
- CARDOSO, J. L.; GOMES M. Varela & ANDRÉ, M. C. (1996) – Mosaico de Oeiras. *Centros Históricos* (Revista da Associação dos Municípios com Centro Histórico, 5/6, p. 22-31.
- CAZORLA, E. Camps (1940) – El arte hispanovisigodo. *In Historia de España* (direcção de R. Menendes Pidal), 3, p. 435-608.
- CHAVES, L. (1936) – Antiquitates. IV. Mosaicos lusitano-romanos em Portugal. *Revista de Arqueologia*, 3, p. 83-87.
- CHAVES, L. (1938) – Estudos lusitano-romanos. I. A “*Villa*” de Santa Vitória do Ameixial (Concelho de Estremoz). Escavações de 1915-1916. *O Archeologo Português*, p. 14-117.
- COLAÇO, B. de G., & ARCHER, M. (1943) – *Memórias da Linha de Cascais*, Parceria António Maria Pereira, 370 p., Lisboa.
- CONDURACHI, E. (1982) – Riflessi della propaganda politica e della strategia militare sui rilievi della colonna di Traiano. *In L'Esauré Storico-Artistico della Columna Traiana*, p. 7-18, Accademia Nazionale dei Lincei. Roma.
- CORREIA, V. (1928) – Arte visigótica. *In História de Portugal* (direcção de Damião Peres), 1, p. 365-388. Portucalense Editora. Barcelos.
- CORTEZ, F. R. (1946) – Mosaicos romanos da Estremadura. *Boletim da Junta de Província da Estremadura*, 13, p. 273-279 e 14, p. 55-71.
- CUMONT, F. (1966) – *Recherches sur le Symbolisme Funéraire des Romains*, Bibliothèque Archéologique et Historique, 543 p., 105 figs, XLVII ests. Librairie Orientaliste Paul Geuthner, Paris.
- DALMAS, A. (1986) – *Vitruve – Les Dix Livres d'Architecture*, Editions Errance, 288 p. Paris.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (1984) – *Inscrições romanas do Conventus Pacensis*. 2 vols. Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras. Coimbra.
- FERREIRA, O. da V., & FERREIRA, S. da V. (1962) – Algumas notas histórico-arqueológicas sobre Oeiras. *Actas do XVI Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*, p. 211-228. Porto.

FREJEIRO, A. B., (1978) - *Mosaicos Romanos de Merida*. Corpus de Mosaicos Romanos de España, I, 63 p., 12 figs, 108 ests. Consejo Superior de Investigaciones Cientificas. Madrid.

FREJEIRO, A. B. (1978a) - *Mosaicos Romanos de Italica (I)*. Corpus de Mosaicos Romanos de España, fasc. II, 56 p., 11 figs, 77 ests. Consejo Superior de Investigaciones Cientificas. Madrid.

GARCIA y BELLIDO, A. (1979) - *Arte Romano*, Enciclopedia Clasica, I, 836 p., 1409 figs. Consejo Superior de Investigaciones Cientificas. Madrid.

GUIDO, M., (1978) - *The Glass Beads of the Prehistoric and Roman Periods in Britain and Ireland*, The Society of Antiquaries of London, 250 p., 38 figs, IV ests, London.

MACHADO, J. P., (1958) - *Influência Árábica no Vocabulário Português*, I, 339 p. Revista de Portugal. Lisboa.

MATOS, J. L. M. de (1966) - *Subsídios para um catálogo da escultura luso-romana*. Dissertação de Licenciatura em História. Faculdade de Letras de Lisboa, 336 p. Lisboa.

MATOS, J. L. M. de (1995) - *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia. Coleção de Escultura Romana*. Instituto Português de Museus, 208 p. Lisboa.

MICLEA, I., & FLORESCU, R. (1980) - *Decebal si Traian*. Editura Meridiane, 94 p. 488 figs. Bucuresti.

OLEIRO, J. M. B. (1992) - *Corpus dos Mosaicos Romanos de Portugal, I Conímbriga – Casa dos Repuxos*. Instituto Português de Museus, Museu Monográfico de Conímbriga, 226 pp., 16 figs, 82 ests. Conímbriga.

PINTO, R. de S. (1934) - Inventário dos mosaicos romanos em Portugal. *Anuario del Cuerpo Facultativo de Archiveros, Bibliotecarios y Arqueologos*, I, p. 161-179. Madrid.

SARDICA, J. M. L. (1971/75) - Alguns subsídios para o estudo dos mosaicos de Pisões. *Arquivo de Beja*, 28/32, p. 63-70.

VASCONCELLOS, J. L. de (1916) – Mosaicos romanos de Portugal. 4. Mosaico de Oeiras. *O Archeologo Português*, 21, p. 142-145, I est.

VIANA, A. (1949) - Visigótico de Beja. *Arquivo de Beja*, 6 (3/4), p. 253-291.